



OFICINA DE MÚSICA COMO FERRAMENTA DE REABILITAÇÃO PSICOSSOCIAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

MUSIC WORKSHOP AS A PSYCHOSOCIAL REHABILITATION TOOL: AN EXPERIENCE REPORT

TALLER DE MÚSICA COMO HERRAMIENTA DE REHABILITACIÓN PSICOSOCIAL: UN INFORME DE EXPERIENCIA

Yasmim Souza Rodrigues¹

Submetido em: 27/08/2021

e29697

Aprovado em: 07/10/2021

<https://doi.org/10.47820/recima21.v2i9.697>

RESUMO

Objetivo: Discorrer sobre o uso da música como instrumento reabilitador para sujeitos com transtornos mentais graves. Metodologia: Trata-se de um relato de experiência com abordagem qualitativa, em razão de apresentar um estudo voltado a entender os fatos, de acordo com a perspectiva dos participantes da situação analisada Resultados: A música atua como um canal expressivo capaz de proporcionar a expressão dos conflitos emocionais; proporciona conforto e constitui uma via de enfrentamento a doença mental pois resgata as memórias vivenciadas e atua como via de expressão de conflitos internos e subjetividades, tendo a oficina terapêutica como espaço potencializador. Conclusão: A partir da experiência vivenciada, pode-se assegurar que o uso da música como ferramenta no processo de reabilitação psicossocial é positivo, pois permite ao sujeito expressar suas emoções e demandas sem julgamentos ou imposições, assim o permite ser coparticipativo no processo de reabilitação psicossocial.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde mental. CAPS. Reabilitação psicossocial. Musicoterapia

ABSTRACT

Objective: Discuss the use of music as a rehabilitative instrument for subjects with severe mental disorders. Methodology: This is an experience report with a qualitative approach, since it presents a study aimed at making sense of the facts, according to the perspective of the participants in the situation analyzed. Results: Music acts as an expressive channel capable of providing expression of emotional conflicts; offers comfort and constitutes a way of coping with a mental illness because it rescues them as lived memories and acts as a way of internal conflicts and subjectivities, having a workshop as a potentializing space. Conclusion: From the lived experience, it can be ensured that the use of music as a tool in the psychosocial rehabilitation process is positive, as it allows the subject to express their emotions and demands without judgments or impositions, thus allowing them to be co-participant in the process of psychosocial rehabilitation

KEYWORDS: Mental health. CAPS. Psychosocial rehabilitation. Music therapy

RESUMEN

Objetivo: Discutir el uso de la música como instrumento de rehabilitación para sujetos con trastornos mentales graves. Metodología: Se trata de un relato de experiencia con enfoque cualitativo, ya que presenta un estudio orientado a la comprensión de los hechos, según la perspectiva de los participantes en la situación analizada. Resultados: La música actúa como un canal expresivo capaz de brindar expresión de conflictos emocionales.; brinda consuelo y constituye una forma de afrontar la enfermedad mental porque rescata recuerdos vividos y actúa como una forma de expresar conflictos internos y subjetividades, teniendo el taller terapéutico como un espacio potencializador. Conclusión: A partir de la experiencia vivida, se puede asegurar que el uso de la música como herramienta en el proceso de rehabilitación psicossocial es positivo, ya que permite al sujeto expresar

¹ Universidade Castelo Branco



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OFICINA DE MÚSICA COMO FERRAMENTA DE REABILITAÇÃO PSICOSSOCIAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
Yasmim Souza Rodrigues

sus emociones y demandas sin juicios ni imposiciones, permitiendo así ser coparticipante en el proceso de rehabilitación psicosocial.

PALABRAS CLAVE: *Salud mental. CAPS. Rehabilitación psicosocial. Terapia musical*

INTRODUÇÃO

A reforma psiquiátrica brasileira é considerada um movimento social, cultural e político que teve início desde a década de 70, com a mobilização dos trabalhadores em saúde mental, diante da maneira de tratar os usuários em sofrimento psíquico, que ficavam reféns de um modelo de assistência centrado nos hospitais psiquiátricos que funcionavam como um dispositivo de repressão e punição, os tornando alvo de descaso e violência institucional.

Os reformistas, baseados nos ideais da psicologia democrática de Franco Basaglia¹, pretendiam superar o modelo manicomial, não somente quanto a sua estrutura física, como também a superação da psiquiatria clássica que reduzia o sujeito a meros sintomas de uma doença subjetiva, que contribuía para que a sociedade entendesse o “louco” como um sujeito perigoso e perverso, sendo seu lugar o “hospício”, propondo novas alternativas de tratamento baseadas nas subjetividades do sujeito².

O marco desse processo de reforma no Brasil foi à sanção da lei 10.216 que dispõe sobre a regulamentação dos direitos das pessoas com transtornos mentais e redireciona o modelo de assistência em saúde mental, apresentada por Paulo Delgado², em 1989, o projeto de lei tramitou por 12 anos no senado brasileiro até sua aprovação em 2001.

Seus artigos estruturantes estabelecem que a proteção e direitos das pessoas com transtornos mentais devem ser garantidos sem qualquer tipo de discriminação, o fechamento progressivo dos hospitais psiquiátricos, abertura de novos serviços de caráter comunitário e participação social em sua implementação, tornando assim os ideais reformistas em políticas de Estado⁸.

Dentro dessa conjuntura de ruptura com o modelo psiquiátrico, a rede de atenção psicosocial (RAPS) é instituída conforme a portaria 3.088/11 do Ministério da saúde que estabelece a criação, ampliação e articulação efetiva nos diferentes pontos de atenção à saúde no âmbito do SUS para pessoas com transtornos mentais ou com necessidades decorrentes ao uso de álcool, crack e outras drogas. A RAPS tem componentes na atenção básica, atenção psicosocial especializada, atenção de urgência e emergência, atenção residencial de caráter transitório, atenção hospitalar, estratégias de desinstitucionalização e reabilitação psicosocial¹¹.

¹ Psiquiatra Italiano, e precursor do movimento da reforma psiquiátrica na Itália conhecido como psiquiatria democrática. Nasce no ano de 1924, e faleceu em 1980.

² Sociólogo, Pós-Graduado em Ciência Política, Professor Universitário, Deputado Constituinte pelo PT/MG em 1988, exerceu mandatos federais até 2011.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OFICINA DE MÚSICA COMO FERRAMENTA DE REABILITAÇÃO PSICOSSOCIAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
Yasmim Souza Rodrigues

O centro de atenção psicossocial (CAPS) representa a atenção psicossocial especializada, sendo considerado um importante serviço de base territorial substitutivo aos leitos psiquiátricos e construção de um novo lugar social para a loucura⁹. É um serviço aberto e comunitário, constituído por uma equipe multiprofissional que atua de maneira interdisciplinar, sendo capacitada a realizar atendimento prioritariamente a indivíduos com transtornos mentais graves e persistentes em sua área territorial, em regime de tratamento intensivo, semi-intensivo e não intensivo. Sendo estruturado pela portaria 336/2002 que estabelece suas modalidades em CAPS I, CAPS II, CAPS III, CAPSi, CAPSad e CAPSad III.

Sendo assim, os CAPS, por meio de suas ações, visam o resgate das singularidades do indivíduo, possibilitando sua reinserção social através de atividades que se desenvolvem no seu âmbito comunitário e envolvam seus familiares os tornando também participativos no processo de reabilitação psicossocial, onde podemos entender reabilitação psicossocial como um processo pelo qual se facilita o indivíduo com limitações, a reestruturação, no melhor nível possível de autonomia de suas funções dentro da sociedade¹⁰.

Para alcançar tal objetivo os CAPS têm como proposta as oficinas terapêuticas que são atividades realizadas em grupo sob a orientação de um ou mais técnicos em saúde mental e/ou estagiários, devendo ser construídas de acordo com as necessidades e subjetividades dos usuários, atuando como um lugar de fala, expressão de emoções e dificuldades vivenciadas, acolhimento e construção de um novo paradigma psicossocial que facilita o caminho de reabilitação social. As oficinas podem ser definidas como:

- Oficinas expressivas: espaços de expressão plástica (pintura, argila, desenho etc.), expressão corporal (dança, ginástica e técnicas teatrais), expressão verbal (poesia, contos, leitura e redação de textos, de peças teatrais e de letras de música), expressão musical (atividades musicais), fotografia, teatro.
- Oficinas geradoras de renda: servem como instrumento de geração de renda através do aprendizado de uma atividade específica, que pode ser igual ou diferente da profissão do usuário. Podem ser de: culinária, marcenaria, costura, fotocópias, venda de livros, fabricação de velas, artesanato em geral, cerâmica, bijuterias, brechó, etc.
- Oficinas de alfabetização: esse tipo de oficina contribui para que os usuários que não tiveram acesso ou que não puderam permanecer na escola possam exercer a escrita e a leitura, como um recurso importante na (re) construção da cidadania¹⁹.

As oficinas expressivas que utilizam a música como recurso, para Batista e Ferreira⁵, promovem a expressão da singularidade e subjetividades dos usuários, e possibilitam a criação de vínculos por meio da interação e trocas de experiências entre os participantes. Já Zanello e Sousa⁷ afirmam que a música oferece uma nova via de expressão de conflitos internos e emoções, trabalha a resiliência do indivíduo, bem como o resgate de memórias vivenciadas.

A música é recurso terapêutico utilizado em diversos cenários da vida humana, e sua influência sobre o ser é considerada ampla. Segundo Araújo¹⁵, seus efeitos englobam a redução de sensações de desconfortáveis e o favorecimento de sensações positivas, a facilitação da comunicação e promoção da sociabilidade, a diminuição das dores físicas e mentais, assim como a mudanças em padrões fisiológicos e estímulo corporal.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OFICINA DE MÚSICA COMO FERRAMENTA DE REABILITAÇÃO PSICOSSOCIAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
Yasmim Souza Rodrigues

Nascimento⁶, afirma que a música pode exercer efeitos positivos ou negativos sobre o bem-estar dos indivíduos, além de atuar nos níveis de estresse e ansiedade. Na medida em que pode confortar nos momentos tristes, embalar os tempos mais felizes, e dar um sentido de pertencimento; modificar o humor, ampliar sentimentos atuais, libertar a tensão.

Silva¹⁷, diz que os benefícios da música para os sujeitos incluem o desenvolvimento das habilidades cognitivas, favorece a criação de um ambiente mais ameno e causa a sensação de relaxamento em situações estressantes. Enquanto Matoso e De Oliveira¹⁶ asseguram que a música potencializa a interação do sujeito com seu meio social e familiar, atuando também no desenvolvimento e manutenção da saúde.

Diante disso, esse trabalho tem como objetivo discorrer sobre o uso da música como instrumento reabilitador para sujeitos com transtornos mentais.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência com abordagem qualitativa, em razão de apresentar um estudo voltado a entender os fatos, de acordo com a perspectiva dos participantes da situação analisada⁴. Realizado no período de junho a outubro, como parte do trabalho de conclusão de estágio do programa acadêmico bolsista 2019 para a Secretaria Municipal de Saúde.

Desenvolvido no CAPS II, Neusa Santos Souza, que faz parte da área programática 5.1 que compreende os bairros de Deodoro, Magalhães Bastos, Sulacap e Senador Camará, sendo este último onde fica localizado. Atendendo em média 314 usuários, o serviço conta como uma equipe multidisciplinar composta por uma médica psiquiatra, um farmacêutico, dois enfermeiros, três acompanhantes territoriais, uma técnica de enfermagem, doisicineiros, quatro psicólogos, duas residentes, uma musicoterapeuta, uma assistente social e uma terapeuta ocupacional. Em conjunto, esta equipe desenvolve as seguintes práticas terapêuticas: grupo de família, grupo de desmedicalização, grupo de redução de danos e das oficinas de beleza; bijuteria; futebol; cidadania; escrita; agenda cultural e música.

A escolha da oficina de música como objeto de estudo surgiu acerca do questionamento de como a música é utilizada no tratamento das pessoas em sofrimento psíquico, e de que modo a música age sobre os mesmos e se poderia influir de algum modo no processo de reabilitação psicossocial.

As indagações surgiram no decorrer das preceptorias acontecidas todas as terças feiras às 11 horas, e a partir delas, ficou decidido que durante esse tempo, os estagiários atuariam como membros da oficina de música juntamente a umicineiro, todas as quintas, de 14 horas às 16 horas. E a partir do acompanhamento na oficina em questão esse estudo foi construído.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escolha da saúde mental como possível especialidade profissional, me motivou a participar do processo seletivo para o estágio não obrigatório na modalidade integrado em saúde mental, e



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OFICINA DE MÚSICA COMO FERRAMENTA DE REABILITAÇÃO PSICOSSOCIAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
Yasmim Souza Rodrigues

fosse como uma grande oportunidade de explorar esse campo de atuação profissional na prática. Com a aprovação no concurso, a escolha do CAPS Neusa Santos Souza como local de lotação foi decidido por se tratar de um dispositivo inserido na zona oeste, localidade esta que demanda de mais serviços de saúde voltados para a atenção psicossocial.

No decorrer do estágio, o primeiro contato que tive com os usuários foi participando do espaço coletivo, sendo este destinado a promover a sociabilidade, interação e criação de vínculos entre os usuários, técnicos e familiares. Introduzida ali, pude perceber que as músicas tocadas por um algum dos técnicos ou tocadas na rádio, de algum modo até então desconhecido, promoviam efeitos sobre os componentes daquele ambiente. Essa indagação ficou por um tempo pairando sobre mim, até ser levada e amadurecida durante as preceptorias semanais com o auxílio do supervisor, ficando compactuado que atuaria na oficina de música ao longo do período de estágio.

A partir de então, fui inserida na oficina de música juntamente a um oficineiro, todas as quintas feiras pela tarde, com horário de 14h às 16h. Nesses acompanhamentos atendemos em média 12 usuários que participaram da atividade, conforme indicação do projeto terapêutico construído pelo técnico de referência. A oficina é desenvolvida em um dos consultórios de atendimento do CAPS, que dispõe de um computador que é utilizado para a escolha da música, com as cadeiras organizadas em roda, onde cada participante escolhe uma canção e ao final relata o porquê da escolha.

Na vivência, pude perceber nas falas dos usuários que a “saudade” era um tema recorrente, em um dos casos que abordamos, através da escolha do “rap do Borel”, o participante pode dizer da saudade que sentia do passado, lembrando sua juventude onde, podendo dizer um pouco sobre antigas namoradas, amigos de escola e histórias de seu antigo bairro. Segundo ele, esse passado era um “tempo bom que não voltava mais” e recordar esse momento provoca sentimentos bons. Confirmando o que diz Zanella e Souza⁷, a música é capaz de aumentar o bem-estar na medida em que resgata as memórias vivenciadas e atua como via de expressão de conflitos internos e subjetividades.

Também pude notar que as letras de música gospel sempre eram presentes nas oficinas e provocavam grande comoção entre os membros que em sua maior parte cantavam em coro as canções com a temática. Para Batista e Ferreira⁵, a escolha da música gospel está relacionada à cura da doença mental por meio da fé no imaginário dos participantes. Acredito que esse fato vai além da opinião dos autores, a meu ver, a escolha dessas canções está relacionada à busca por nova uma via de enfrentamento da doença mental. Acerca disso, Müller¹⁴ diz que, mediada pelo contexto cultural e vivências anteriores por vezes com sucesso, a busca pelo estilo gospel proporciona um alívio das angústias decorrentes do sofrimento psíquico.

Nesse contexto de enfrentamento, as questões psíquicas por meio da música, o desenvolvimento da autonomia também se mostrou presente entre os participantes, que por conta do transtorno mental acabam adquirindo um estigma de serem incapazes, o que afeta vários aspectos da vida. Em um dos casos que abordamos, uma das participantes pode relatar que “escutar música



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OFICINA DE MÚSICA COMO FERRAMENTA DE REABILITAÇÃO PSICOSSOCIAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
Yasmim Souza Rodrigues

dava ânimo pra fazer as coisas dentro de casa” e que antes de fazer parte da oficina isso era bastante difícil, pois sentia desânimo em fazer as tarefas. Para Bréscia¹³, a música tem esse efeito, pois é uma linguagem que pode ser estimulante e confortadora, e que pode encorajar e animar, favorecendo o desenvolvimento da autoestima e competências individuais.

A necessidade de afeto e contato para além da estrutura do CAPS foi uma das questões mais recorrentes nas falas dos usuários. Em meio desses relatos, pude perceber que a falta de afeto por parte da família era o que mais incomodava. Por meio da escolha da música, a expressão desse descontentamento ficou evidente em um dos participantes que estava a certo período apresentando um comportamento atípico, e na dinâmica da oficina, quando perguntamos “o porquê da escolha da música?” ele pode dizer que sentia falta do irmão e que não entendia o porquê “ele não me visita mais”. E a partir dessa confissão entendemos sua angústia e levamos ao técnico de referência à questão para que fosse trabalhada.

E deste modo pude entender que a música atua como um canal expressivo capaz de proporcionar a expressão dos conflitos emocionais. Atestando as evidências expostas por Araújo¹⁵, que diz que “a música facilita a comunicação” e de Zanello e Souza⁷, “a música atua como uma via de expressão de conflitos internos e subjetividades”.

Muitas histórias surgiram no decorrer das oficinas, já que como exposto, a música tem esse efeito de resgate e construção de memórias nos indivíduos⁷. Para sujeitos com transtornos mentais possibilita a reconstrução de sua própria história, que muitas vezes fica perdida após anos de internação em instituições psiquiátricas, o que torna o sujeito um traço sem identidade. Na oficina, através da escolha da música “retrô” do grupo ImaginaSamba, um participante que passou grande parte da sua vida internado e estava passando pelo processo de reinserção no território, pode contar sobre sua trajetória recordando sua primeira namorada e de como sentia falta de se relacionar com alguém.

Segundo Farias¹⁸, as oficinas terapêuticas possibilitam ao sujeito a expressão da subjetividade e atuam como um espaço promotor de potencialidades e habilidades, permitindo aos indivíduos envolvidos a participação ativa no processo de reabilitação psicossocial.

Nas dinâmicas, o mais interessante para mim foi perceber que os encontros possibilitaram a criação de vínculos e troca de experiência entre os membros. E que, para muitos ali presentes, aquele espaço é o único onde, efetivamente, eles podem ser ouvidos sem julgamentos e não encarados como “loucos”, estigma designado, em sua maioria, por parte da família. Um caso exemplar foi de uma usuária ao compartilhar as dores relacionadas à vida amorosa, teve apoio de outras usuárias que a incentivaram a seguir em frente, com palavras como “homem só serve para colocar chifre”, “meu ex-marido era assim mesmo, hoje sou amiga dele, mas ele já me fez sofrer muito”, “Foca nos seus filhos”.

Para Silva (2019), “as relações criadas e compartilhadas nas oficinas contribuem para a produção de autonomia do usuário e ajuda na inserção do mesmo em outros contextos que não apenas o CAPS, mas na sociedade como um todo”



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OFICINA DE MÚSICA COMO FERRAMENTA DE REABILITAÇÃO PSICOSSOCIAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
Yasmim Souza Rodrigues

CONCLUSÃO

A partir da experiência vivenciada, pode-se perceber que o uso da música como ferramenta no processo de reabilitação psicossocial é positivo, na medida em que, nos sujeitos observados, seus efeitos promoveram a expressão das subjetividades, a sensação de bem-estar, o resgate das memórias vivenciadas, alívio das angústias decorrentes do sofrimento psíquico e promoção da autonomia. E principalmente, permitiu a troca de experiências, ajuda mútua diante das dificuldades do dia a dia e na criação de vínculos de amizade, o que auxilia na reconstrução da cidadania e na inserção em contextos externos ao CAPS.

Deste modo, a oficina de música é um espaço em que o sujeito pode ter voz, expressando suas emoções e demandas sem julgamentos ou imposições, assim o permite ser coparticipativo no processo de reabilitação psicossocial.

Atuar no CAPS Neusa Santos Souza e construir esse relato me fez entender a importância dos serviços substitutivos de base territorial. E que, para a prestação da assistência em saúde mental, nunca se deve esquecer seus protagonistas, os usuários.

REFERÊNCIAS

1. Lussi IA, Pereira MA, Pereira Junior A. A proposta de reabilitação psicossocial de Saraceno: um modelo de auto-organização?. Rev Latino-Am Enfermagem [Internet]. 2006 [Acesso em: 2019 maio 10]; 14(3):448-56. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692006000300021>
2. Amarante P. Saúde Mental e Atenção Psicossocial. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2007.
4. Neves JL. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. Caderno de pesquisas em administração. 1996;1(3):1-5
5. Batista EC, Ferreira DF. A música como instrumento de reinserção social na saúde mental: um relato de experiência. Rev Psicol Foco [Internet]. 2015 [acesso em jun 16]; 7(9):67-79. Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/psicologiaemfoco/article/view/1593/0>
6. Nascimento ED, Bittencourt VL, Pretto CR, Dezordi CC, Benetti SA, Stumm EM. Oficinas terapêuticas com música, em saúde mental. Rev Cont Saúde [Internet]. 2018 [acesso em: 2019 maio 13]; 18(34):15-9. Disponível em: <https://doi.org/10.21527/2176-7114.2018.34.15-19>
7. Zanella V, Sousa G. " Mais música, menos Haldol": uma experiência entre música, Phármakon e loucura. Mental [Internet]. 2009 [acesso em: 2019 jun 05]; 7(13). Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167944272009000200009&lng=pt&nrm=iso
8. Brasil. Lei 10.216, de 06 de abril de 2001. "Dispõe sobre a proteção e os direitos das", 2001. Diário Oficial da União; 2001.
9. Brasil. Ministério da saúde. Portaria nº 336, de 19 de fevereiro de 2002. Diário Oficial da União; 2002.
10. Pitta AM. Reabilitação psicossocial: um novo modelo. A psiquiatria e suas conexões: política biológica filosofia. Belo Horizonte: Associação Mineira de Psiquiatria; 1996.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OFICINA DE MÚSICA COMO FERRAMENTA DE REABILITAÇÃO PSICOSSOCIAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
Yasmim Souza Rodrigues

11. Brasil. Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Diário Oficial da União; 2011.
12. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. DAPES. Coordenação Geral de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas. Saúde Mental no SUS: Cuidado em Liberdade, Defesa de Direitos e Rede de Atenção Psicossocial. Relatório de Gestão 2011-2015. Brasília: Ministério da Saúde, 2016. Maio. 143 p.
13. Bréscia VP. A música como recurso terapêutico. In: Encontro Paranaense Congresso Brasileiro de Psicoterapias Corporais, XIV, IX. 2009. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.
14. Müller ADA. Música, humor e saúde mental: possibilidades terapêuticas. [Monografia Graduação]. Brasília: Centro Universitário de Brasília; 2018. Disponível: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/12762>
15. Araújo TC, Pereira A, Sampaio ES, Araújo MS. Uso da música nos diversos cenários do cuidado: revisão integrativa. Rev baiana enferm. [Internet]. 2014 [citado 2019 Set 11]; set;28(1). Disponível em: <https://doi.org/10.18471/rbe.v28i1.6967>
16. Matoso LML, Oliveira AMB. O efeito da música na saúde humana: base e evidências científicas. C& D-Rev Elet FAINOR [Internet]. 2017 [citado 19 Out 2019]; (2):76-98. Disponível em: [10.11602/1984-4271.2017.10.2.1](https://doi.org/10.11602/1984-4271.2017.10.2.1)
17. Silva MO. Oficinas terapêuticas: luz e a medicalização da vida. [Trabalho de Conclusão de Curso]. Bahia: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia; 2019 [citado em: 2019 ago 12]. Disponível em: <http://hdl.handle.net/123456789/1502>
18. Farias ID. Oficina terapêutica como expressão da subjetividade. SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog [Internet]. 2016 [citado em: 25 Ago 2019]; 12(3):147-53. Disponível em: doi.org/10.11606/issn.1806-6976.v12i3p147-153
19. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial. Brasília: Ministério da Saúde; 2004.